

INTERCÂMBIO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM PLATAFORMAS DIGITAIS: O CASO *WORLDPACKERS*

WORK EXCHANGE AND JOB INSECURITY ON DIGITAL PLATFORMS: THE *WORLDPACKERS* CASE

INTERCAMBIO Y PRECARIEDAD LABORAL EN PLATAFORMAS DIGITALES: EL CASO DE *WORLDPACKERS*

Jarlene Rodrigues Reis

■ Professora efetiva no Curso Superior em Turismo do CEFET/RJ, campus Petrópolis. Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com estágio doutoral na Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis.

■ *Profesora de Turismo en el CEFET/RJ, campus de Petrópolis. Doctora en Comunicación por la Universidad Estatal de Río de Janeiro, con pasantía doctoral en la Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis.*

■ E-mail: jarlene.reis@cefet-rj.br

Lucas Gamonal Barra de Almeida

■ Professor Adjunto do Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

■ *Profesor adjunto en el Departamento de Turismo de la Universidad Estatal de Río de Janeiro. Doctor en Comunicación por la Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro.*

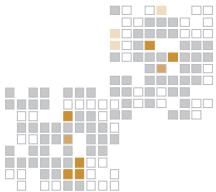
■ E-mail: lucasgamonal@hotmail.com

Thaís Costa da Silva

■ Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), campus Maracanã. Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com estágio na Universidad Complutense de Madrid.

■ *Profesora del Centro Federal de Educación Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), campus de Maracanã. Doctora en Comunicación por la Universidad Estatal de Río de Janeiro, con prácticas en la Universidad Complutense de Madrid.*

■ E-mail: thaís.silva@cefet-rj.br



RESUMO

Este estudo busca compreender como se constroem sentidos e interações sociais que articulam relações de trabalho e turismo nas propostas de intercâmbio de trabalho na plataforma digital *Worldpackers*. Com embasamento teórico que inclui vertentes da comunicação, da sociologia e do turismo, refletimos sobre contradições e conflitos resultantes de trocas sociais e comunicativas que envolvem práticas trabalhistas e atividades turísticas mediadas por plataformas digitais. Analisando ofertas publicadas na internet, observamos distorções dos conceitos ligados ao intercâmbio e ao turismo voluntário, além de indicações de precarização do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: INTERCÂMBIO DE TRABALHO. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO. PLATAFORMAS DIGITAIS. *WORLDPACKERS*.

ABSTRACT

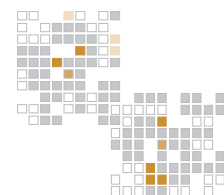
This study discusses how senses and social interactions that articulate labor relations and collaborative tourism are constructed on the *Worldpackers* digital platform. With a theoretical framework that includes aspects of communication, sociology, and tourism, we reflect on the contradictions and conflicts resulting from social and communicative exchanges involving labor practices and tourist activities. By analyzing offers published on the platform, we found distortions of concepts linked to work exchange and volunteer tourism, and indications of job insecurity.

KEY WORDS: WORK EXCHANGE. JOB INSECURITY. DIGITAL PLATFORMS. *WORLDPACKERS*.

RESUMEN

En este estudio proponemos una discusión sobre cómo se construyen los discursos y las interacciones sociales que articulan las relaciones laborales y el turismo colaborativo en la plataforma digital *Worldpackers*. Con marco teórico que incluye aspectos de comunicación, sociología y turismo, reflexionamos sobre las contradicciones y conflictos resultantes de los intercambios sociales y comunicativos que involucran prácticas laborales y actividades turísticas. Analizando las ofertas publicadas en la plataforma, distorsiones de los conceptos vinculados al turismo de intercambio y de voluntariado, e indicios de precariedad laboral.

PALABRAS CLAVE: INTERCAMBIO DE TRABAJO. PRECARIEDAD LABORAL. PLATAFORMAS DIGITALES. *WORLDPACKERS*.



1. Introdução

Em meio às práticas comunicacionais contemporâneas, as relações de trabalho se conformam às dinâmicas de interação e de produção de sentidos de uma sociedade mergulhada na ambiência midiática. O trabalho associado às práticas colaborativas demanda o perfil flexível indicado e alimentado pelo regime econômico contemporâneo, em razão de seu caráter dinâmico, complexo e intensamente balizado pelo uso de novas tecnologias de informação e comunicação (Sennett, 2005). Nesse cenário, as plataformas de intercâmbio de trabalho têm se posicionado tanto como suportes para essas novas lógicas laborais, como para a viabilização de viagens. Configura-se uma relação ambígua entre práticas de trabalho voluntário e turismo, o que muitas vezes não é observável nos discursos circulantes em anúncios de vagas de intercâmbio voluntário.

As interseções entre trabalho voluntário e turismo têm sido estudadas em perspectivas nem sempre convergentes nas pesquisas sobre o tema. De um lado, destacam-se visões que chamam atenção para os aspectos não comerciais das trocas vividas por voluntários, da reciprocidade e da hospitalidade acionadas por meio dessas experiências. Segundo Holmes *et al.* (2010), grande parte da literatura tem apresentado visões idealistas e acrílicas sobre turismo voluntário, concentrando-se em seus benefícios.

Por outro lado, há abordagens que questionam as contradições envolvendo trabalho voluntário e turismo. Lyons e Wearing (2012) chamam atenção para a dificuldade de estabelecer com clareza a dimensão das atribuições e da liberdade de escolha dos voluntários/viajantes. Holmes *et al.* (2010) propõem que se reveja a tradicional dicotomia visitante/anfitrião, que não capta a complexidade das relações sociais difusas e flexíveis desenvolvidas no contexto do turismo voluntário. Em estudo sobre o cenário digital

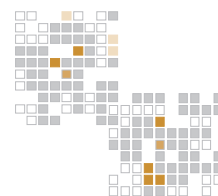
português, Almeida *et al.* (2020) apontam riscos e armadilhas que podem estar ocultas em ofertas de vagas de intercâmbio voluntário nas plataformas *online*, considerando a falta de regulações e referências legais para os acordos ali mediados. Esse levantamento permite observar a necessidade de investigações voltadas para essas plataformas, a fim de que se conheçam suas práticas de mediação das relações de trabalho entre viajantes e anfitriões.

Portanto, o objetivo deste trabalho é compreender a construção de discursos e interações sociais que articulam relações de trabalho e turismo nas propostas de intercâmbio de trabalho da plataforma digital *Worldpackers*. Descrita em seu *site* como uma comunidade segura “para viajar e fazer voluntariado”, a *Worldpackers* é uma das mais reconhecidas plataformas da área, atuando nos cinco continentes desde que foi fundada por dois sócios brasileiros, em 2014. Em linhas gerais, a *Worldpackers* faz a mediação entre anfitriões e usuários interessados na troca de tarefas e habilidades por hospedagem, alimentação ou outros benefícios, quando em viagem¹.

O trabalho executado pelos viajantes é a moeda de acesso às experiências anunciadas no *site* da *Worldpackers*. Contudo, cabe questionar: quem pode receber acúmulo de experiência como pagamento por um trabalho? As tarefas demandadas condizem com as contrapartidas oferecidas pelos anfitriões? Como essas negociações podem afetar a oferta de empregos formais nas localidades em que se desenvolvem?

Esses questionamentos guiaram o estudo, que analisa conteúdos de anúncios de trabalho voluntário disponíveis na plataforma digital *Worldpackers* no Brasil e em repercussões em mídias digitais sociais. O intuito foi identificar

¹ As informações sobre a plataforma estão disponíveis em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR>. Acesso em: 11 mar. 2024.



sentidos e representações presentes na interação entre os usuários com esses anúncios, a fim de compreender de que forma neles se articulam práticas de trabalho, voluntariado e turismo. A abordagem é qualitativa, com uma perspectiva crítica das plataformas digitais que intermedeiam esses processos.

O trabalho se fundamentou em leituras sobre relações contemporâneas de trabalho e plataformização, associando esses debates ao intercâmbio de trabalho. Após apresentarmos, nas seções iniciais, a fundamentação teórica da pesquisa, prosseguimos a reflexão a partir dos conteúdos relacionados à plataforma *Worldpackers*, articulando materiais extraídos do *site* às discussões teóricas da pesquisa. Nas considerações finais, sintetizamos a discussão e a apreciação crítica dos resultados obtidos.

Notadamente quando tratamos do universo digital, a oferta de ocupações se amplia e diversifica, assim como a informalidade e a precariedade de tais propostas. Entendemos que as mudanças advindas da flexibilização do capitalismo abrem espaço para múltiplas possibilidades de trabalho. Compreender as formas de circulação discursiva e midiática sobre esse fenômeno é fundamental para que se avance nas demarcações conceituais difusas sobre o tema. A discussão pode, ainda, contribuir para despertar iniciativas de regulação das práticas de intercâmbio de trabalho em plataformas *online*.

2. Plataformização e trabalho no capitalismo flexível

As dinâmicas laborais se tecem em um cenário de hiperconectividade, em que as plataformas digitais, com suas arquiteturas e gramáticas, podem ser compreendidas como produtoras do social (VAN DIJCK *et al.*, 2018). O atual modelo econômico demanda flexibilização das estruturas de mercado para se desenvolver, visto que difere do circuito tradicional do capital em aspectos

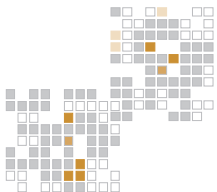
como os vínculos trabalhistas, remunerações e períodos de execução de tarefas.

As mudanças oriundas da flexibilização do capitalismo abrem espaço para que perfis distintos de atuação no mercado se adequem às suas dinâmicas. Para Boltanski e Chiapello (2009), vivemos o capitalismo informacional, que se desenvolve em uma sociedade estruturada por redes e que, distanciando-se de uma lógica fordista e industrial, é fundamentado na dinamização das relações de trabalho e de produção. Essa estrutura é resultante das variadas mutações pelas quais o capitalismo precisou passar em prol de sua vigência. Boltanski e Chiapello (2009) consideram o momento econômico atual como uma terceira fase do capitalismo, ou o “novo espírito do capitalismo”, que segue em formação.

Esse espírito, para os autores, é inerente ao mundo globalizado e se utiliza das novas tecnologias disponíveis, que se associam à liberdade individual. O caráter flexível e fragmentado deste sistema, em termos de relações de trabalho, exige adaptações às condições de mercado e um espírito criativo e empreendedor dos trabalhadores, constantemente estimulados a criar e a produzir de forma autônoma.

Tal aspiração pode ser ainda um cenário distante e talvez utópico, tendo em vista a realidade de uma sociedade que transita entre modos de processos produtivos que coadunam e se interceptam. Além disso, está centrada em sistemas de dominação controlados pelo capital. Há uma reinvenção descontínua de instituições, que propõe mudanças nas rotinas burocráticas e no próprio sentido de tempo, segundo Sennett (2005). Para o pesquisador, essas transformações mudam o próprio significado de trabalho, que é fragmentado, envolve muito mais riscos, depende muito menos das leis e de procedimentos formais e pode resultar em ansiedade, imposição de novos controles e regimes de exploração.

A configuração neoliberal atual, não obstante,



possibilitou a difusão das práticas colaborativas como lógica de mercado, reinscrevendo-se socialmente de acordo com a nova realidade. Mas as nuances entre o que pode ser compreendido como trabalho voluntário ou precarizado se intensificam diante da flexibilização de leis, regulamentos e do processo produtivo do que é entendido como capitalismo de plataforma.

Slee (2017) sublinha que este modelo econômico tece a precarização do trabalho ao se fundar na escassez de relações contratuais e na realização de serviços por conta própria, mediados pela internet, recaindo sobre o trabalhador os ônus do processo. Má-remuneração, insegurança e informalidade são elementos que compõem o trabalho precarizado. Nesse sentido, desponta o trabalho sob demanda, em que a disponibilização do trabalho humano ocorre de modo flexível, conforme a necessidade dos clientes, por meio de um *site* ou aplicativo de internet (BABOIN, 2017).

As práticas colaborativas, associadas à produção e ao consumo coletivo, esbarram em ações que subvertem a busca do bem-estar social ao se pautarem na concentração de riqueza e poder. O uso distorcido desses termos pode levar à sua fetichização, com chances de provocar a descrença nesses ideais a partir de sua associação com uma lógica de trabalho precarizado, disfarçado de boa conduta.

As dissonâncias sobre a ideia de trabalho voluntário são frequentemente pautas de reportagens em que anúncios de permutas são apresentados. Tais práticas, por vezes, chocam-se com leis trabalhistas e podem ser configuradas como trabalho análogo ao escravo. Essas controvérsias aludem à necessidade de debates e regulamentação sobre as diferenças entre voluntariado e exploração do trabalhador. De acordo com reportagem do *site* português Setenta e Quatro:

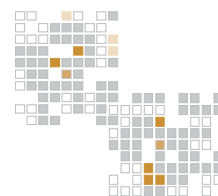
Se os números são vastos no que toca às propostas, os relatos negativos são cada vez maiores. As dúvidas sobre se as empresas e instituições que recebem estes voluntários estão a mascarar uma situação de trabalho efetiva declarando-a como voluntariado, o que é ilegal, amontoam-se (SILVA, 2022)².

O movimento é crescente e se consolida com a ascensão das plataformas digitais. No entanto, de acordo com o artigo 1º da Lei do Voluntariado (nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998), o serviço voluntário é caracterizado como “a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa” (BRASIL, 1998).

Ainda que a oferta possa parecer atraente, muitas instituições que buscam esse tipo de trabalho não se alinham à legislação e fazem suas propostas com a bandeira do colaboracionismo, mesmo que se valham de assimetrias em termos de benefícios concedidos e ganhos. Práticas como essas, além de contribuírem com a concentração de capital para o empresariado, que se beneficia do trabalho vivo por um valor abaixo do empregado normalmente, deixam de contribuir para a geração de emprego e renda formal para a população local. São relações de trabalho sem vínculo empregatício, sem valores monetários, mantidas por um sistema desigual de trocas tipicamente capitalistas.

As tratativas e a efetivação dos acordos que possibilitam a existência dessas relações de trabalho, na medida em que se tornam

2 SILVA, Ana Patrícia. Quando o voluntariado internacional se revela uma armadilha de exploração laboral. **Setenta e Quatro**. 2022 Disponível em: <https://setentaeequatro.pt/enfoque/quando-o-voluntariado-internacional-se-revela-uma-armadilha-de-exploracao-laboral>. Acesso em: 22 mar. 2024.



cada vez menos formalizadas, acontecem em diferentes esferas de sociabilidade, ao passo que não envolvem, em princípio, contatos e interações presenciais. A fluidez das práticas de trabalho consideradas colaborativas reflete-se não só no tipo de trocas que se realizam, como também na diversidade das ambiências em que se desenvolvem. Os meios de comunicação digitais representam plataformas em que variadas possibilidades de acordos de trabalho são reproduzidas em interações que envolvem exigências, expectativas e negociações.

3. Trabalho, intercâmbio e viagens nas plataformas virtuais

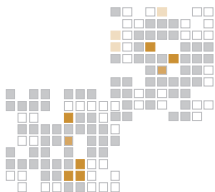
O valor da viagem como enriquecimento cultural e experiência de vida é o apelo de *sites* especializados na oferta de intercâmbios de trabalho. As propostas, em geral, envolvem compromisso com atividades de trabalho no local visitado, em troca de hospedagem e alimentação oferecidos pelos anfitriões. Meios de hospedagem, atrativos turísticos e associações culturais são opções comuns de atuação para os viajantes que buscam esse tipo de vivência. Entre as plataformas mais conhecidas e procuradas, destacam-se nomes como *WorkAway*, *HelpStay*, *CollabTour* e *Worldpackers*.

A prática, conhecida como “turismo voluntário”, tem sido associada por pesquisadores como contraponto ao turismo de massa e seus impactos negativos nas localidades turísticas. Kosnik (2014) se alinha a essa vertente ao discutir como acordos pautados em trocas não monetárias podem ser alternativas às lógicas existentes no mercado de turismo e hospitalidade. Segundo a autora, experiências em que alimentação e hospedagem são utilizadas como ponto central de negociação proporcionam momentos de convivialidade, que fazem surgir uma hospitalidade genuína. Para Kosnik (2024), relações de exploração ou de desequilíbrio entre

voluntários e anfitriões podem ocorrer, porém são exceções nas experiências de intercâmbio de trabalho voluntário.

Em outra perspectiva, Guttentag (2011) afirma que os benefícios comumente ligados às atividades de turismo voluntário são ganhos potenciais e não intrínsecos a essas práticas. Conforme o autor, fatores positivos como o intercâmbio cultural, a conservação ambiental, a participação das comunidades e o desenvolvimento local, destacados em estudos sobre turismo voluntário, devem ser objeto de maior escrutínio crítico nessas abordagens. Guttentag (2011) pondera que a criação de vagas para voluntários pode causar redução dos postos de trabalho, além de aprofundar relações de dependência de recursos externos nas localidades receptoras. As relações sociais desenvolvidas durante o intercâmbio podem não produzir apenas efeitos benéficos, mas também contribuir para o reforço de preconceitos e para a romantização de situações de privação e sofrimento.

Ainda em uma vertente crítica, Lyons e Wearing (2012) destacam três aspectos que caracterizam a ambiguidade das práticas de trabalho e turismo nessas viagens. À medida em que o voluntariado passa a ser compreendido como possibilidade de experiência ou aprendizado, pode-se questionar sua motivação como essencialmente altruísta, pois passa a ser associada à oportunidade de viajar ou de estabelecer conexões sociais. Em segundo lugar, Lyons e Wearing apontam a falta de clareza sobre os papéis a serem executados por voluntários, o que pode impactar negativamente a própria qualidade do trabalho realizado, bem como a percepção sobre a experiência vivida. Por fim, chamam atenção para a forma como muitas ações voluntárias têm abraçado o apelo de serem incluídas como opções consideradas “alternativas” ou “autênticas” entre viajantes que buscam aventura – um discurso raso quando se trata da ideia de imersão no contexto cultural das



localidades (LYONS; WEARING, 2012).

Essas contradições fazem parte do repertório de informações que circulam em plataformas virtuais de intercâmbio de trabalho, como a *Worldpackers*. Como analisa Sodré (2006), a mídia atua como balizadora de moralidades e sentidos de ética, estruturando-se como esfera existencial determinante na organização de interações e papéis sociais. Acordos que determinam as funções desempenhadas pelos sujeitos se alinham às dinâmicas midiáticas de interação, estabelecendo novas experiências de sociabilidade, incluindo as viagens e as relações de trabalho.

Entretanto, esses contatos não acontecem sem conflitos. Segundo Paiva (2012), os tratos no campo midiático não ocorrem em igualdade de condições, pois há assimetrias tanto em termos simbólicos, quanto no acesso aos dispositivos que potencializam certas práticas de interação, como a internet. Refletindo essa dinâmica, tensões e interesses divergentes são incorporados nos processos de troca observados em plataformas virtuais de intercâmbio de trabalho. A *Wordpackers* representa espaço profícuo para observar sentidos e interações entre viajantes, anfitriões e mediadores envolvidos em anúncios de vagas de intercâmbio de trabalho na internet.

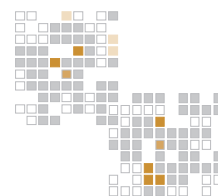
4. Configurações do trabalho nas viagens mediadas pela *Worldpackers*

A *Worldpackers*, uma das maiores plataformas de intercâmbio de trabalho atualmente, oferece aos usuários a participação em uma comunidade internacional que conecta viajantes e anfitriões interessados em experiências de turismo voluntário. A adesão, disponível em *site* na internet e em aplicativo móvel, ocorre por meio de planos anuais com assinaturas cotadas em dólar, podendo ser contratadas individualmente ou em duplas.

No intuito de compreender a construção

de sentidos a partir dos acordos mediados pela plataforma, realizamos um estudo com abordagem qualitativa, buscando refletir criticamente sobre as representações discursivas do voluntariado e das relações de trabalho ofertadas na *Worldpackers*. O trabalho, orientado pelo método de Análise do Discurso (AD), alinha-se às especificidades da ambiência digital em que se encontram os dados coletados. Nesse sentido, consideramos a digitalização dos discursos como aspecto central para a compreensão de posts e interações no mundo digital e *online*, conforme aponta Dias (2016). Ao analisarmos os conteúdos coletados na plataforma *Worldpackers*, levamos em conta que os acordos e relações de trabalho propostas apresentam formas e discursos atravessados pela materialidade digital.

O conteúdo analisado compreendeu publicações de ofertas de trabalho encontradas no *site* da *Worldpackers* – em sua versão brasileira – e na página no *Instagram Vagas Arrombadas* (página que trata sobre trabalho precarizado nas redes sociais digitais brasileiras bastante difundida e com densidade de interações)), além de interações resultantes desses conteúdos. As três publicações coletadas no *site* da plataforma constavam como ativas em abril de 2024 e não há informação sobre data da postagem e vigência das ofertas. Com esse trajeto, buscamos identificar como as ideias de trabalho, viagens, intercâmbio e precarização são articuladas. Às postagens no *site* da *Worldpackers*, somamos reportagens e outros conteúdos midiáticos ligados ao intercâmbio de trabalho, utilizados para fins de contextualização e comparação entre os dados. O levantamento foi feito com base nos recortes temáticos da pesquisa e iniciado em 2019, quando da primeira incursão dos autores no assunto. Nas publicações da *Worldpackers*, demos ênfase para ofertas de trabalho voluntário em locais que têm a hospedagem como atividade central, por avaliarmos que há grande descaracterização das



finalidades comumente atreladas ao voluntariado e por se tratarem de empresas que visam lucro. A denúncia no perfil do *Vagas Arrombadas* também cita um *hostel* e os comentários trazem exemplos na mesma seara. Na sequência, apresentamos a síntese dos resultados.

“Viaje, colabore e impacte”. Essa é a frase usada na página inicial do *site* da *Worldpackers*. Logo abaixo, há a seguinte chamada: “Viaje como voluntário com segurança, viva experiências transformadoras e cause impacto positivo no mundo”. O destaque é dado para as ideias apontadas quando se trata do turismo voluntário, tido como capaz de promover trocas mais hospitaleiras e genuínas. Todavia, quando observamos as vagas, identificamos contradições, sobretudo por não se tratar de iniciativas sem fins lucrativos.

Uma das vagas destacadas é destinada para um *hostel* em Mucuri, na Bahia³. O voluntário precisará dedicar 24h/semana em atividades de limpeza, jardinagem e na cozinha, com um dia de descanso. Em contrapartida, há oferta de quarto privado, café da manhã, jantar, lavanderia e descontos em drinks e restaurantes. O turno é de quatro horas diárias, entre 8h e 12h.

Assim, com o primeiro exemplo, vemos como, na *Worldpackers*, algumas das vagas reforçam o contraste entre os objetivos dos envolvidos e a legislação vigente no país. Há empreendimentos que visam lucro que alocam voluntários em atividades centrais para o negócio, operando acordos com turnos definidos e poucas folgas semanais. Jornadas e escalas fixas se assemelham ao que seria exigido em um contrato de trabalho formal, com direitos não assegurados nas vagas de intercâmbio de trabalho. Embora os usuários tenham ciência da dinâmica da plataforma, cabe questionar o esvaziamento da ideologia

proposta pelos termos do voluntariado e, ainda, a legalidade dessas ofertas. Tais ambiguidades se alinham às críticas de Lyons e Wearing (2012) sobre as contradições das viagens de intercâmbio de trabalho.

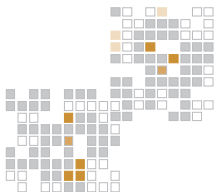
Vaga para Lençóis, também na Bahia, traz o seguinte título: “Venha nos dar uma mãozinha com a limpeza do refúgio e aproveite o melhor da Chapada!”⁴. Nesse caso, ainda há taxa extra para subsidiar a permanência no espaço (R\$90 por dia – até 10 dias; R\$72 por dia – de 11 a 29 dias; R\$36 por dia – de 1 mês a 2 meses; e taxa isenta após o segundo mês, com possibilidade de extensão por mais quatro meses). A carga horária é de 25h/semana e há dois dias livres. Ao participante é oferecido quarto compartilhado ou vaga em *camping*, café da manhã, almoço e jantar, além de disponibilidade para uso da cozinha, trilhas gratuitas e passeios com desconto. Na lista de tarefas, estão a recepção de hóspedes e o apoio na limpeza e na cozinha, com o preparo e o serviço das refeições.

Ainda são listados três Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) com os quais o projeto contribuiria: saúde e qualidade (3); energias renováveis e acessíveis (7); e consumo e produção responsáveis (12). Na descrição, também se exige inglês ou português em nível iniciante e ficam expostas 73 avaliações positivas sobre a localidade, reforçando a visão do intercâmbio de trabalho voluntário como experiência surpreendente e valiosa.

Em outra posição disponível, para um *spa* em Aguirre, na Venezuela, a pessoa deverá trabalhar por 32 horas semanais, com um dia livre, em tarefas de jardinagem, limpeza, apoio à cozinha e em cultivos e colheitas. É requerido espanhol intermediário e idade entre 21 e 80 anos, com

3 Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/positions/71866>. Acesso em: 14 abr. 2024.

4 Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/positions/36206>. Acesso em: 14 abr. 2024.



abertura para voluntários sozinhos, em duplas ou como casais (muitas das vagas têm esse mesmo perfil).

Com a taxa de U\$8 por dia, há garantia de quarto compartilhado, café da manhã, almoço e jantar, internet, lavanderia, uso da cozinha, aulas de dança, yoga e terapias holísticas, além de eventos e um curso de permacultura. Três dos ODS da ONU são destacados: saúde e qualidade (3); educação de qualidade (4); e cidades e comunidades sustentáveis (11). A única avaliação presente também é amplamente positiva e destaca a recomendação a “qualquer pessoa que queira descobrir um mundo mais simples e amigável com respeito à saúde, à espiritualidade e ao serviço às demais pessoas”⁵.

Todas as vagas possuem suporte da plataforma, com pontuações em relação aos anfitriões e chancela de proteção para possíveis desacordos na experiência. Ademais, o portal evidencia formas de melhor preparação para as vagas, com a *Academy* da *Worldpackers*. Há três seções disponíveis, com aulas que ensinam a viajar com uso do *site*, a planejar e economizar na viagem e a viver viajando como estilo de vida. Mais serviços oferecidos pela empresa e mais custos para interessados em viajar desse modo.

Com o exposto, questionamos a possibilidade de democratização das viagens, uma vez que o conceito é inviável para muitas pessoas. Despesas com passagens, documentação e manutenção pessoal não estão incluídas entre as contrapartidas oferecidas pelos anfitriões e, assim, o interessado nas oportunidades precisa ter condições para arcar com tais custos. Cabem, portanto, as perguntas: quem consegue se enquadrar ao apresentado pelo *site* e sua comunidade? Indo além, qual a legalidade das oportunidades oferecidas?

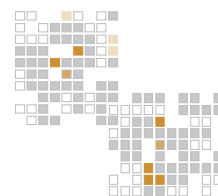
Nos casos em tela, as ofertas vêm de negócios que preveem a obtenção de lucros, dado as suas atividades características. Chama atenção a estrutura de um trabalho formal exposto como ação voluntária. A ambiguidade entre as tarefas exigidas e os requisitos para preenchimento das vagas permite questionar a legitimidade do caráter voluntário das oportunidades anunciadas. Todavia, o tom positivo e alinhado à gramática do “trabalho adjetivado” ativa as ideias distintivas, mormente no contexto das viagens, socialmente interpretadas como emblemas de diferenciação.

Para Grohmann (2018), na dinâmica das economias colaborativas, atribui-se importância ao *status* e aos vínculos afetivos que o trabalho proporciona – muitas vezes, em troca de recompensas financeiras pouco vantajosas. Essa narrativa é amplamente disseminada na *Worldpackers*, em que a tônica do trabalho colaborativo se associa às ideias de “experiência”, “liberdade” e “imersão cultural”. Na plataforma, vê-se uma arquitetura de discursos e imagens positivas que exaltam a viagem como algo transformador, enfatizando a liberdade proporcionada por acordos fluidos de trabalho.

Em dezembro de 2016, o *site* oficial do Ministério do Turismo tratava a temática da economia compartilhada e colaborativa com otimismo, alertando para as necessidades de reformulação da Lei Geral do Turismo e de regulamentação das plataformas emergentes. O ministro à época, Marx Beltrão, disse ter interesse em estimular a concorrência justa e correta, com benefícios sobretudo voltados para o consumidor⁶. Até hoje, algumas das plataformas têm problemas em relação às suas dinâmicas de funcionamento. Além disso, órgãos reguladores frequentemente

6 NASCIMENTO, Livia. Novas plataformas movimentam o turismo brasileiro. Ministério do Turismo, 26 dez. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/novas-plataformas-movimentam-o-turismo-brasileiro>. Acesso em: 14 abr. 2024.

5 Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/positions/52037>. Acesso em: 14 abr. 2024.



recebem denúncias e demonstram preocupação com práticas provenientes da internet.

Em 2019, matéria do portal *Uol*⁷ revelou casos que poderiam ser tidos como ilegais em *hostels* de Santa Catarina. Como identificamos no *site* da *Worldpackers*, há anúncios em que os anfitriões oferecem vaga em *camping* como local para pernoite. Nos casos retratados pela reportagem, oferece-se trabalho em troca de hospedagem e comida, sem pagamento de salário e garantia de direitos trabalhistas. Na ocasião, o Ministério Público do Trabalho (MPT) do Estado investigava possível configuração do caso como trabalho análogo à escravidão.

Há que se considerar que o turismo colaborativo, principal apelo da *Worldpackers*, não é regulamentado no Brasil. Deve haver cautela, portanto, sobre possíveis acordos que configuram trabalho temporário, o qual deve estar sujeito à legislação trabalhista vigente no país (SAYURI, 2019). Além disso, conforme a procuradora da Coordenadoria Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo do MPT, fonte da reportagem do *Uol*, a ausência de pagamento

fere o direito ao salário, garantido pelos artigos 117, 458 e 462 da CLT. A retenção de documentos, mencionada em alguns casos, também pode ser configurada como trabalho forçado, de acordo com o artigo 149 do Código Penal.

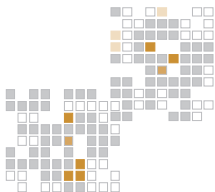
Vagas de trabalho voluntário que contrariam a legislação e poderiam ser consideradas práticas de trabalho precarizado ou exploratório ficam mais nítidas quando observadas para além do discurso que exalta “experiências transformadoras”. Há casos em que pode ser feita analogia com a escravidão, como ilustra a matéria do portal *Uol* e como projetam usuários do *Instagram* na página *Vagas Arrombadas*. As ambiguidades de muitos anúncios são ironizadas pelos administradores do perfil, cujos seguidores citam a *Worldpackers* e plataformas similares para expor ofertas de trabalho que consideram vergonhosas. Em publicação de dezembro de 2023, destaca-se um anúncio com a legenda em tom satírico: “TRABALHE 25h semanais por no mínimo um mês. SUA REMUNERAÇÃO: vaga em beliche”.

Figura 1: Publicação retratada na página *Vagas Arrombadas*, no *Instagram*



Fonte: https://www.instagram.com/p/C0416R_vJh7. Acesso em: 14 abr. 2024.

7 SAYURI, Juliana. Hostels em SC dão trabalho por comida e hospedagem, mas pode ser ilegal. *Uol*, 9 fev. 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2019/02/09/ministerio-publico-trabalho-sc-investiga-vagas-voluntariado-hostels.htm>. Acesso em: 14 abr. 2024.



A vaga enfatiza a busca por pessoas voluntárias, determina período da estada e descreve a rotina laboral: cinco horas de trabalho por dia em cinco dias da semana. Em troca, café da manhã e uma vaga em beliche, com relevo para a proximidade do local com uma das praias “mais legais e descoladas de Balneário Camboriú”. Embora a *Worldpackers* não seja mencionada nos anúncios ou na publicação da página *Vagas Arrombadas*, algumas das reações citam a plataforma em tom crítico e irônico. Isso revela uma visão negativa do *site* por um número expressivo de pessoas (em setembro de 2024, no contexto de revisão do artigo, mais de 570 mil pessoas seguem os perfis da página no *Facebook* e no *Instagram*). Por outro lado, há usuários que defendem as ofertas, alegando que as experiências são positivas e que esse tipo de acordo é comum na Europa.

As reações dos usuários são importantes para a reputação de uma organização. Nas plataformas de intercâmbio de trabalho, o engajamento é fundamental para que circulem, entre novos e antigos viajantes, informações sobre as experiências. A *Worldpackers* possui uma seção chamada “fale com quem já viveu essa experiência”, na qual são apresentadas as avaliações dos *worldpackers* – incluindo índice de estrelas e critérios – e depoimentos acerca da experiência. Nesse relato, temos acesso ao perfil do usuário, seu local de origem e a data do testemunho compartilhado. Esse tipo de interação é empregado como forma de aumentar a segurança e a confiabilidade entre aqueles que almejam aplicar a uma vaga ou receber um viajante. Trata-se de padrão frequente nas plataformas virtuais, a exemplo daquelas em que os usuários oferecem suas residências como hospedagem a viajantes, com ou sem trocas monetárias – caso de *Airbnb* e *Couchsurfing*.

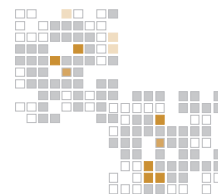
Observamos que os conteúdos da plataforma *Worldpackers* demonstram desequilíbrios entre os serviços e instalações disponibilizados e as

atividades a serem desempenhadas pelos usuários nas destinações. Há interesses conflituosos entre proponentes e viajantes, cujas interações ocorrem em conformidade com os discursos midiáticos, que contribuem para interpretações superficiais e difusas sobre as ideias de intercâmbio, experiência, voluntariado e turismo. Nas interações midiáticas, as ideias de voluntariado e intercâmbio atribuem às relações de trabalho outros sentidos e valores, alinhados a discursos que, muitas vezes, ocultam contradições e assimetrias envolvidas nos acordos efetivados em plataformas como a *Worldpackers*.

Considerações finais

Dentre diversas práticas colaborativas presentes em nosso cotidiano, há aquelas que, ao se alinharem às lógicas de mercado e lucratividade, operam em detrimento de exigências e padrões legais. Na esfera das interações midiáticas, essa dinâmica se soma à reprodução de discursos que promovem desvios e simplificações na apropriação de termos associados às novas relações de trabalho. Na internet, acordos envolvendo hospedagem e alimentação como contrapartida para atividades de trabalho se apresentam como oportunidades para pessoas ávidas por viajar, mas sem recursos financeiros para os roteiros turísticos tradicionais.

A plataforma *Worldpackers* permitiu observar de que forma se tem construído, midiaticamente, interações entre anunciantes e usuários envolvidos nos acordos de intercâmbio de trabalho. A partir do *site* da *Worldpackers* e de outros conteúdos que analisamos, vimos que as abordagens midiáticas de termos e expressões como “turismo colaborativo”, “voluntariado”, “economia colaborativa” e “intercâmbio de trabalho” têm contribuído para a diluição de seus significados. As valorações positivas que muitas vezes se associam a essas práticas ocultam nuances de complexas relações, nas quais o



desequilíbrio entre as condições ofertadas e os pré-requisitos para a efetivação dos acordos de trabalho é frequente.

Cabe refletir sobre as implicações dessas relações de trabalho tanto na perspectiva legal, quanto sociológica dos sujeitos envolvidos – algo que pode, inclusive, gerar reflexos no desenvolvimento econômico das localidades. Há que se considerar que a atuação de viajantes em atividades operacionais de trabalho no setor de turismo contribui para que se reduzam ofertas de emprego que poderiam ser direcionadas a trabalhadores da população local. Ao passo que não há formalização do intercâmbio de trabalho, tampouco a garantia de direitos trabalhistas, os postos de emprego formal se tornam menos vantajosos, financeiramente, para os empregadores.

A discussão que apresentamos se propõe

como uma reflexão crítica sobre as atividades associadas ao intercâmbio de trabalho voluntário a partir de uma plataforma digital. Acreditamos que trocas entre trabalho e experiências de viagem podem se manifestar como atividades que viabilizam a precarização do trabalho, em virtude da oferta de condições deficientes por meio de discursos que destacam o caráter de oportunidade única e experiência ímpar. Cabem, aqui, as questões: tornar-se cidadão do mundo não tem mesmo preço, como é anunciado nos discursos de publicidade? Quem são as pessoas que podem se mover pelo globo por meio de tais práticas? A fluidez dessas fronteiras parece cada vez maior, chamando-nos ao debate para que se desenvolvam sentidos de criticidade em meio à reprodução dos significados da viagem e do trabalho em nossa sociedade.

Referências

ALMEIDA, Paula; MARQUES, Célio G.; LOPES, Eunice R. A Poisoned Gift: digital platforms that promote new models of shared economy in tourism. In: International Conference On Tourism & Hospitality Management, 7, 2020. (Virtual). *Anais....* Sri Lanka: TIIKM, p. 234-242, 2020.

BABOIN, José Carlos de Carvalho. Trabalhadores sob demanda: o caso Uber. *Rev. TST*, 83, v.1, p. 330-362, 2017.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. *Lei nº 9.608*, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1998.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. *REDISCO*, v. 10, n. 2, p. 8-60, 2016.

GROHMANN, Rafael. Faça o que você ama? O consumo do trabalho adjetivado e a startup 99Jobs. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, v. 17, n. 33, p. 212-226, mai. 2018.

GUTTENTAG, Daniel. Volunteer tourism: as good as it seems? *Tourism Recreation Research*, v. 36, n. 1, p. 69-74, 2011.

HOLMES, Kirsten; SMITH, Karen A.; LOCKSTONE-BINNEY, Leonie; BAUM, Tom. Developing the dimensions of tourism volunteering. *Leisure Sciences: an Interdisciplinary Journal*, n. 32, v. 3, p. 255-269, 2010.

KOSNIK, Elisabeth. Work for food and accommodation: negotiating socio-economic relationships in non-commercial work-exchange encounters. *Hospitality & Society*, n. 3, v. 4, p. 275-291, 2014.

LYONS, Kevin D.; WEARING, Stephen. Reflections on the ambiguous intersections between volunteering and tourism. *Leisure Sciences: an Interdisciplinary Journal*, n. 34, v. 1, p. 88-93, 2012.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Sob o signo de Hermes, o espírito mediador: midiatização, interação e comunicação compartilhada. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JÚNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. (Orgs.). *Mediação & Midiatização*. Salvador: EDUFBA, p. 149-170, 2012.

SAYURI, Juliana. Hostels em SC dão trabalho por comida e hospedagem, mas pode ser ilegal. *Uol*, 9 fev. 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2019/02/09/ministerio-publico-trabalho-sc-investiga-vagas-voluntariado-hostels.htm>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SLEE, Tom. *Uberização: a nova onda do trabalho precário*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Dênis de. (Org.). *Sociedade midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 19-31, 2006.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. *The Platform Society. Public values in a connective world*. Oxford University Press: New York, 2018.

Artigo recebido em 16/04/2024 e aceito em 04/09/2024.

